



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

OS NOSSOS SALÁRIOS DEVEM SER AUMENTADOS

Desde 1952 que os nossos salários não são aumentados. Com salários de 18\$00, 20\$00 e 22\$50 o que podemos nós fazer? Em toda a indústria têxtil a miséria marcha de braço dado com a exploração. Os géneros de primeira necessidade sobem continuamente de preço. O leite aumentou cerca de 16 por cento, o azeite 15 por cento, o bacalhau 20 por cento. E a carne, as batatas e as cebolas? Como poderemos alimentar-nos, vestir-nos, calçar-nos, dar aos nossos filhos uma alimentação que lhes não marque no rosto os traços da miséria que sofremos? Como poderemos pagar a renda da casa, o preço da electricidade que aumentou, e os transportes cujos preços também cresceram?

Os operários e operárias têxteis do Barreiro, Lisboa, Porto, Mira d'Aire e do Minho já por várias vezes fizeram sentir ao patronato e ao Ministro das Corporações, através de diligências directas e de abaixo-assinados, através de concentrações no sindicato e nas empresas, que se torna imperioso um rápido aumento de salários, da ordem dos 60 por cento, de modo a satisfazer as necessidades imediatas de perto de meio milhão de pessoas que têm a sua vida ligada à indústria têxtil.

Aos nossos justos pedidos respondem-nos com promessas mentirosas e com ameaças, que bem exprimem as intenções de que estão animados os nossos exploradores.

Devemos calar-nos? Devemos aceitar uma tal situação? Os nossos braços, trabalhando a ritmos esgotantes, permitem que 11 empresas ganhem, num ano, mais do que 35.500 operários têxteis. A miséria que nos afflige serve para criar as fortunas fabulosas de um DELFIM FERREIRA, de um PINTO DE AZEVEDO e de muitos outros que

nos exploram.

Além dos baixos salários temos ainda as multas que nos levam uma boa parte da jorna, criando nos nossos lares uma situação de desespero. E depois ainda nos obrigam a trabalhar com 8, 10 e mais teares, sem nos recompensarem o esforço que fazemos.

O patronato e aqueles que o servem fazem orelhas surdas aos nossos pedidos de aumento de salários, mas nós não podemos cruzar os braços e continuar a receber verdadeiros salários de fome. TEMOS QUE CONTINUAR A EXIGIR UM AUMENTO DE 60 POR CENTO SOBRE OS SALÁRIOS ACTUAIS.

(continua na 2.ª pág.ª)

GREVE DAS TECEDERAS de Mira d'Aire e dos têxteis da MABER

Na FÁBRICA VITÓRIA, de Mira d'Aire, após a assinatura do último contrato colectivo, os patrões quiseram forçar o pessoal a trabalhar de empreitada a um ritmo muito acelerado, para atingirem o salário que tinham antes no trabalho a singelo. Doze tecederas foram suspensas por se recusarem a trabalhar em tais condições. As outras operárias da secção suspenderam o trabalho, como protesto contra tão injustificado despedimento e contra o trabalho de empreitada. Apesar das ameaças da PIDE, que a pedido do patrão as submeteu a longos interrogatórios, as tecederas mantiveram-se em greve desde Janeiro até princípios de Março, obtendo com a sua luta um sucesso parcial.

Havia já algum tempo que os nossos companheiros da fábrica de malhas MABER Lda, do Porto, vinham fazendo sentir à empresa a necessidade de que lhes fosse concedida a semana inglesa. Perante a

No mesmo dia em que os trabalhadores do mundo inteiro desfilarão, erguendo bandeiras ao alto, os operários têxteis do Norte e da Serra da Estrela assinalaram o dia 1.º de Maio com reuniões e concentrações.

Em TORTOZENDO juntaram-se nos arredores da vila perto de 800 pessoas, operários e operárias com suas famílias, e confraternizaram ao som de acordeões, saxofones e outros instrumentos musicais, reafirmando a sua fé num futuro melhor. A GNR, porém, não faltou nesta festa dos trabalhadores, com o fim de os intimidar.

A ampla celebração do dia 1.º de Maio pelos trabalhadores de TORTOZENDO provocou a prisão e o despedimento de um operário da firma JOSÉ LAUREANO, mas sessenta dos seus companheiros foram protestar junto do patrão e pediram a readmissão do operário despedido.

Também os operários têxteis de GUIMARÃES comemoraram o dia 1.º de Maio com uma concentração no Sindicato, para reforçarem a sua acção em favor do aumento de salários. Desde há muito que os operários têxteis desta cidade vêm lutando pela realização dum novo contrato colectivo, sem que até agora tenha

(continua na 2.ª pág.ª)

recusa sistemática dos patrões os operários, numa exemplar manifestação de unidade e de luta, resolveram, a 2 de Abril, abandonar o trabalho e dar assim início à semana inglesa, que lhes era recusada. Os patrões reagiram e procuraram intimidá-los, mas a unidade mantida pelos trabalhadores e a sua firme disposição de luta foi mais poderosa do que todas as ameaças. No sábado seguinte, exactamente porque o seu pedido ainda não tinha sido atendido, eles voltaram a fazer greve, abandonando o trabalho de pois do meio dia.

Esta acção unida forçou os patrões da MABER a aceitarem de facto esta aspiração do pessoal da empresa. A greve das tecederas de Mira d'Aire e dos têxteis da MABER é uma prova de firmeza e de unidade que todos nós devemos ter presentes, é um exemplo de como se deve lutar para conseguirmos que sejam atendidas as nossas justas reclamações.

RESPOSTA a um inquérito

Sou uma operária tecedeira.

Nã empresa onde trabalho há para cima de mil operários, homens e mulheres. As condições de trabalho são as mais desumanas; como as que só podem existir em qualquer fábrica de Portugal. Trabalho com 4 teares, situação esta que me é imposta pelo patrão, superior às minhas forças. Chego a não poder ir trabalhar os dias todos da semana por me sentir completamente esgotada.

Ainda não há muito uma companheira minha veio para casa despedida por se encontrar tuberculosa, em resultado, precisamente, do trabalho esgotante. E' isto o que todos ganhamos depois de tanta canseira.

Nos salários somos roubadas descaradamente e as horas extraordinárias nem sequer nos são pagas. Um cada tear é-nos descontado 40 por cento de trabalho feito. Ora como trabalhamos com 4 teares tenho semanas que me descontam 80\$00 e outras ainda mais. Mas a roubalheira não fica por aqui. Se uma operária conversa com outra é-lhe logo aplicado um castigo, que consta de um dia de trabalho para a casa.

Também o horário de trabalho que temos aqui não corresponde à nossa condição de mulheres. Desde que fomos obrigadas a trabalhar com 4 teares o patrão modificou o horário dos turnos para ter ainda mais lucros. Assim o último turno termina o seu labor às 23 horas, morando muitas operárias, como é o meu caso, bastante longe da empresa.

Os nossos salários ...

(continuação da pag.ª 1)

Os pescadores de Matozinhos, os mineiros de Alfazdel, as leiteiras do Porto, os trabalhadores rurais do Alentejo já nos indicaram o caminho. Só a Unidade e a luta junto da empresa e do sindicato, só as grandes concentrações da classe podem levar o patronato e o ministro das Corporações a atender os nossos pedidos. UNIDOS E FIRMES RECLAMAMOS UM AUMENTO DE 60 POR CENTO SOBRE OS Nossos SALÁRIOS. EXIJAMOS UM NOVO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO, QUE TENHA EM CONTA OS Nossos INTERESSES E SEJA DISCUTIDO E APROVADO PELA CLASSE.

A ASSISTÊNCIA AOS TEXTEIS

A Assistência das Caixas de Previdência, além de grandemente deficiente na parte relativa ao pagamento de subsídios, effectua-se com intolerável morosidade. Há casos em que os beneficiários ou os seus familiares morrem antes de receberem os respectivos subsídios de doença ou de morte.

Ao cabo de 20 anos, em lugar de vermos alargada e melhorada a Assistência, cada vez se tem restringido mais a sua acção. No principio ainda a consulta era gratuita e o subsídio por doença começava a ser pago ao fim de 3 dias de baixa. Hoje somos obrigados a perder 6 dias em vez de 3 cada vez que estamos doentes. Temos de pagar senhas de consulta de 3\$50 e 5\$00 no domicilio. Perdemos o direito de internamento pago pela Caixa, quando baixamos ao Hospital ou damos entrada no Sanatório ou nas termas. As receitas são apenas para os medicamentos mais baratos - água da Federação - não se permitindo que o médico recete os medicamentos que a doença reclama. Deve ser esta a causa principal por que muitos e muitos

doem não conseguem curar-se. Os bacilos e as doenças causadas pela fome e pelo excesso de trabalho não cedem as drogas baratas da Federação. E quando o doente exige um outro tratamento os «senhores» das Caixas respondem que os «fundos estão esgotados».

Sim os «fundos estão esgotados», mas não foi na Assistência que os gastaram, mas a financiar as grandes empresas capitalistas, como as companhias de electricidade, a Companhia de Celulose, o Amionaco Português e muitas outras.

Não devemos nós acabar com uma tal situação?

Um leitor

Vitórias dos texteis

Há muito que o pessoal da FÁBRICA DA CHAFARICA vinha travando uma luta contra as arbitrariedades do mestre Formiga, cujo indigno comportamento demonstrava a mais descarada falta de respeito pela dignidade dos trabalhadores. Com a sua unidade e os seus protestos os operários conseguiram que ele fosse despedido, saindo assim vitoriosos da luta que travavam.

Na FRIOLAX, em Guimarães, o patrão vem mudando os operários arbitrariamente. Multa operários que ganham 17\$00 e trabalham apenas 5 dias por semana, em 54\$00. A pretexto de que não davam o rendimento que pretendia applicou a mais de metade do pessoal uma nova multa: 3 dias de trabalho gratuito. Perante uma tão violenta medida os operários recusaram-se a receber a fêria que lhes queria pagar, exigindo o salário por inteiro, forçando deste modo o patrão a ceder.

1.º DE MAIO

(continuação da pag.ª 1)

Rubricas para «O Textil»

Os que lutam pela liberdade	23\$50
Contra a automatização que gera o desemprego	40\$00
Um grupo de trabalhadores liberais	12\$00
Pela queda do fascismo	30\$00
Os três irmãos da luta	15\$00
Inácia lutadora	12\$50
Uma familia amiga	25\$00
Afinador e tecedeira	2\$00
Avante «O Textil»	2\$50
Uma antiga têxtil	5\$00
Duas irmãs	2\$50
Uma mãe	2\$50
Agostinha	2\$00
Amigo do povo	31\$00
1 democrata de Negrelos	10\$00
Zé Manel	5\$00
2 têxteis mais um grupo	15\$00
H. G.	6\$00
Os que lutam pela liberdade	10\$00
Abaixo a camarilha	20\$00
Um grupo de trabalhadores pedem a demissão de Salazar	27\$50
Inácia lutadora	12\$50
Uma mãe	2\$00
Agostinha	2\$00
Amigo do Povo	10\$00
G. N.	22\$00
Zé Manel	20\$00
TOTAL	367\$50

sido atendido o seu pedido. Na concentração do dia 1.º de Maio os trabalhadores afirmaram o seu propósito de continuar a acção junto do Ministro das Corporações, sobrepondo-se à Direcção do seu sindicato, que se tem mostrado incapaz de resolver os problemas da classe.

Os operários da ALDEIA DOS CARVALHOS, da COVILHã, do PORTO e de outros pontos do país também assinalaram o dia 1.º de Maio com foguetes e concentrações no campo.

O que vai pelas empresas CONTRA OS ROUBOS, AS MULTAS E OS BAIXOS SALÁRIOS LANCEMO-NOS UNIDOS NA LUTA

Nós, operários têxteis, somos a classe mais numerosa do país. A nossa força é invencível se nos unimos e lutamos. Por que nos deixamos explorar de forma tão brutal e desumana? Por que nos pagam tão baixos salários? Porque estamos desunidos em muitas empresas e não lutamos. Porque não temos confiança na nossa força e na razão que nos assiste.

Podemos concordar com o que se passa nas nossas empresas? Podemos concordar com a vida de miséria e de exploração que nos impõem?

OPERÁRIOS SUSPENSOS NA FÁBRICA DO FERRO

Em FAFE, nesta empresa, as formas de exploração toma um carácter cada vez mais violento. Os patrões impõem-nos novos ritmos de trabalho que nos esgotam e nos arruinam para sempre a saúde, para assim verem aumentados os seus lucros. Somos obrigados a trabalhar com 12 teares, ganhando um salário diário de 22\$50. Esta exploração causa a todos nós uma profunda revolta. Como é possível trabalhar com 12 teares, recebendo uma féria que não dá sequer para matar a fome? Contra esta desumana exploração protestaram alguns dos nossos companheiros. Mas o que sucedeu? Em vez de

serem atendidos os nossos justificados protestos os nossos companheiros foram suspensos da fábrica por tempo indefinido.

Contra actos desta natureza precisamos de reagir, protestando, unidos, contra uma tal violência. Se assim não for eles farão de nós tudo o que quiserem. Exijamos todos que os nossos companheiros sejam rapidamente readmitidos.

Roubo nos salários NA FÁBRICA DOS ALMEIDAS

Nesta empresa de GUIMARÃES, em cada semana do trabalho recebemos 50\$00 de féria. É quanto nos pagam estes exploradores, para alimentarmos, vestirnos, calçarmos e educarmos os nossos filhos. E eles quanto têm por semana para os seus gatos?, para a sua alimentação? É com 50\$00 que vivem? Não. Eles têm 50 ou 100 vezes mais do que nos pagam.

Os donos desta empresa, abusando da nossa ilusão e da nossa miséria, obrigam-nos a assinar um papel em branco, onde escrevem a que quiserem, p-deendo demonstrar assim que nos pagam salários que não recebemos ou que nos concedem garantias que nunca tivemos.

Se a nossa luta e a nossa união não cobria a uma tal roubalheira,

As operárias

DA FÁBRICA CAVALINHO SÃO ROUBADAS

Aqui, nesta fábrica de GUIMARAES, as operárias são submetidas a uma violenta exploração. Trabalhamos muito, ganhamos pouco e ainda por cima somos roubadas. Foi o que succedeu recentemente. Fômos vítimas, mais uma vez, das fraudes do senhor engenheiro. Tendo algumas de nós trabalhado os 7 dias com horas extraordinárias, não recebemos mais do que a féria normal isto é, os 60\$00 da semana, o que podemos provar com os respectivos recibos. É assim que esta empresa procede para com os seus operários. Deste modo obtém mais lucros ao fim de cada ano. Mas vamos nós consentir que as coisas fiquem assim? Não, companheiras! Devemos ir reclamar o que nos devem, junto da gerência e do sindicato e tantas vezes quantas as necessárias, para que nos entregem o dinheiro que com tanto esforço ganhámos. Se nos não mexemos eles não nos dão aquilo que nos pertence. Vamos adiante, operárias da Fábrica do Cavalinho! A nossa união faz a nossa força!

Exploração dos operários

na fábrica dos Hortas

Não dão para satisfazer a ganância dos patrões desta empresa os baixos salários que nos pagam. Eles precisam de nos roubar ainda mais. É o que estão a fazer. Depois de se terem comprometido a pagar-nos 24\$50 no trabalho de empreitada, estes exploradores voltaram com a palavra atrás e na segunda semana deram-nos, apenas, 22\$50 e ainda por cima nos descontaram os 2\$00 que nos pagaram na primeira semana.

Na exploração do pessoal colabora activamente o ex-afinador FERREIRA, hoje promovido à categoria de mestre e que é um autêntico cão de fila dos patrões.

Operários da empresa Industrial dos Hortas! Reclamemos junto da gerência o pagamento dos 24\$50, concentrando-nos aí em massa.

MAIS ROUBOS E MAIS MULTAS

Na FÁBRICA DE VILA POUCA os patrões lançam-se afanosamente na caça à multa. Depois de um certo período de calma voltaram a cair em cima do pessoal. Por tudo e por nada os operários pagam multas a qualquer coisa de 50\$00 a mais. Ao fim de cada semana descontam-nos 10\$00 e assim levanta três semanas a pagar-nos um roubo que nos fazem.

Mas há ainda outras poucas verganhas da parte desta empresa. Assim as mulheres grávidas que têm direito a um subsídio de parto são obrigadas a assinar um documento em que declaram ter recebido

esse subsídio, mas os patrões guardam o dinheiro para si, praticando assim mais um roubo descarado. As operárias lesadas acabam uma tal situação com recibo de serem despedidas. Entretanto são estes, estes que se apresentam como os melhores defensores da família.

Não devemos nós protestar contra tais abusos? Sim devemos, pois só os nossos protestos e a nossa união levarão tais ladravaças a terem mais respeito pelos nossos direitos e a pagarem-nos um salário compatível com as nossas necessidades.

OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL É A NÓS QUE NOS COMPETE A DEFESA DOS INTERESSES! SÓ PELA LUTA ORGANIZADA EM CADA FECCÃO, EM CADA EMPRESA, LEVAREMOS OS NOSSOS EXPLORADORES A CONCEDEREM-NOS MELHORES SALÁRIOS, A ACABAREM COM O ROUBO DAS MULTAS E O TRABALHO ESGOTANTE COM 6 E MAIS TEARES, ESCOLHAMOS OS COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS QUE SE COLOQUEM À FRENTE DA CLASSE, E CONSTITUINDO AS NOSSAS COMISSÕES DE UNIDADE E QUE ACOMPANHADOS POR TODOS NÓS APRESENTEM NA EMPRESA E NO SINDICATO AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES E OS NOSSOS PROTESTOS.

LUTAS E VITÓRIAS DOS TÊXTEIS

O CAMINHO DA LUTA É O ÚNICO QUE RESTA AOS TRABALHADORES PARA SAÍREM DA SITUAÇÃO DE MISÉRIA EM QUE SE ENCONTRAM. OS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA TÊXTEL SAZEM QUE O PATRONATO LHEM NÃO OFERECE DE MÃO DADA MELHORES SALÁRIOS E MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA. PÓ A UNIDADE DE ACÇÃO OS CONDZU A VITÓRIAS PARCIAIS SOBRE OS SEUS EXPLORADORES, JUNTO DAS EMPRESAS, JUNTO D. IS SINDICATOS, JUNTO DAS AUTORIDADES, OS TÊXTEIS LUTAM POR MELHORES SALÁRIOS, POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA.

Contra o aumento da produtividade

NUMA SECÇÃO DA FÁBRICA DOS SALGUEIROS, NO PORTO, O patrão pretendem obrigar as operárias a trabalhar com 10 teares, em vez de 6, apenas com um aumento de 3850 por dia. As operárias protestaram, afirmando que tal sobrecarga era insustentável, tanto mais que, com os salários de fome que auferem, an lam subalimentadas e enfraquecidas, sempre com a tuberculose a rondar-lhes a porta, e recusaram-se, firmemente, a trabalhar com mais de 6 teares.

Recentemente, nesta mesma empresa, um grupo de operárias foram chamadas ao escritório para assinarem um documento em que declaravam aceitar o trabalho com 10 teares automáticos, com a promessa de que passariam a ganhar 30800 em vez de 26550. Todas se recusaram com igual firmeza. O aumento dos teares é uma ameaça suspensa sobre a cabeça de todos os trabalhadores têxteis.

O aumento dos teares, além de contribuir para a nossa ruína física, lança no desemprego muitos dos nossos companheiros. A froca de mais uns escudos os patrões querem-nos interessar neste tipo de trabalho, pois ele dá-lhe grandes lucros.

Eleições adiadas

HÁ JÁ algum tempo que os operários da região de Vila d'Áve foram convocados para elegerem uma nova direcção. Duas listas deviam disputar as eleições. No dia marcado, centenas de operários têxteis concentraram-se em OELAES. A sala foi quase toda ocupada pelos homens. A direcção e a lista oficial, cá fora aguardavam centenas de operários.

Quando uma derrota, a direcção quis fechar o sindicato e esular a votação que já tinha começado, alegando que não havia tempo para que todos votassem.

A firmeza dos operários fez porém ganhar os planos destes servidores do patronato. As eleições foram realmente adiadas, mas ficou estabelecido que elas se realizariam em cada empresa têxtil, a fim de permitirem que todos os operários votassem.

Interessa agora que a classe esteja vigilante para que não seja vítima de uma nova manobra.

Os operários da Fil contra a exploração

NUMA SECÇÃO desta empresa os operários trabalharam mais duas horas por dia e o patrão não lhes queria pagar os 50 por cento. Os operários protestaram, indignados, afirmando que se recusavam a receber a fêria. Em consequência desta atitude o patrão resolveu pagar-lhes 25 por cento. Por este facto os nossos companheiros recusaram-se a fazer mais horas extraordinárias e exigiram que o patrão lhes pagasse a fêria com uma semana adiantada e não à quinzena como este queria fazer.

Como funciona uma fábrica têxtil soviética

Na União Soviética as fábricas, as minas, a terra e a riqueza do solo pertencem aos trabalhadores, que os administram e velam por eles. As fábricas têxteis deixaram de ser propriedade dos capitalistas. Velamos como funciona uma fábrica têxtil, a FÁBRICA DZERJINSKI, na cidade de Lvov, o grande centro da indústria têxtil soviética. Nesta fábrica trabalham 7.000 operários e operárias. As mulheres ganham os mesmos salários que os homens e têm os mesmos direitos, isto é, podem exercer os mesmos functões que os homens, incluindo a funcção de Director.

Redução da jornada de trabalho na URSS

Ainda este ano todos os operários e empregados soviéticos passarão à jornada de 7 horas e os trabalhadores do subsolo (minas) e indústrias químicas à jornada de 6 horas. Sete milhões de trabalhadores já beneficiam deste horário e 43 milhões serão beneficiados até ao fim do ano.

Desde o fim deste ano a duração média da jornada de trabalho na URSS será inferior a 41 horas, em 1962 será aplicada a semana de 40 horas, e a partir de 1964 será jornada de 6 e 5 horas, por outras palavras, a semana de 35 e 30 horas.

Os têxteis de Braga lutam por eleições

OS TÊXTEIS DE Braga pretendem ver resolvidos vários problemas fundamentais para a classe, nomeadamente o aumento de salários, novo contrato colectivo e novas eleições para o sindicato. Uma delegação de operários representando as várias empresas têxteis de Braga dirigiu-se já algumas vezes ao sindicato, pedindo a marcação da data para novas eleições, pois pretendem colocar à frente do seu sindicato homens que se disponham a defender os interesses da classe.

A Direcção accedeu a realizar eleições, mas não marcou a data como a delegação pretendia.

Os operários estão dispostos a continuar a luta e a conseguirem a marcação, para breve, da data para as eleições do seu sindicato.

Os operários têxteis devem tornar os seus sindicatos em organismos defensores dos interesses da classe, utilizando-os na discussão e solução dos seus problemas.

Os salários dos trabalhadores são superiores a 3 contos por mês. Se tivémos em conta que o preço dos artigos de primeira necessidade têm baixado repetidas vezes na União Soviética podemos fazer uma ideia do poder de compra dos têxteis soviéticos e compará-lo com o poder de compra dos têxteis portugueses.

Nenhum trabalhador pode ser admitido numa fábrica de União S. vatices antes dos 16 anos. Na fábrica Dzerjinski as jovens aprendizes frequentam cursos de aprendizagem ou a escola profissional para se tornarem bons operários. As despesas são pagas pela empresa.

A fábrica tem como Director um antigo operário têxtil que começou a sua actividade na industria aos 12 anos de idade, ainda na época do tráfimo. Foi tecedor durante 10 anos. Graças aos estudos que fez na Academia Industrial pôde tornar-se responsável mais categorizado da fábrica.

Todos os questões essenciais da produção, da vida da empresa e da actividade cultural são examinados pelo organozão sindical, as que fazem parte as operárias. Os planos para a produção são discutidos por toda a pessoal da fábrica e lidos em com as sugestões e propostas que se fizeram.

De três em três meses a direcção da empresa e os trabalhadores reúnem-se para discutirem os problemas da fábrica e a modo como, assim a ser cumprido o plano da produção. O Director e o presidente do comité Sindical fazem um relato dos trabalhos, que serve de base à discussão. Todos se sentem interessados nos mesmos objectivos e todos se sentem interessados em melhorar e desenvolver a produção, pois a fábrica pertence a um estado socialista, isto é, ao povo trabalhador.